

DIÁLOGOS URBANOS – HETEROTOPIA E EXCLUSÃO – EM *POEMA TIRADO DE UMA NOTÍCIA DE JORNAL E O BICHO*, DE MANUEL BANDEIRA

Juarez Nogueira Lins
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

1 – INTRODUÇÃO

A relação entre literário e a cidade não é recente. Desde o século XIX a literatura lança olhares sobre o espaço conflitante das cidades modernas e, sobre as vozes desiguais que habitam essas urbes. É a literatura representando a vida (CANDIDO, 2002), percebendo os movimentos urbanos para torná-los visíveis a partir do imaginário, trazendo à tona a cena moderna, constituída pela fragmentação do ser na multidão que habita o ambiente citadino.

A partir do século XX esse olhar se amplia e a voz dos excluídos – aqueles mergulhados na incerteza, na violência e na solidão urbana – ressoa, mais fortemente, através das vozes poéticas. No Brasil, a poesia modernista, com destaque para a poética de Manuel Bandeira, traz o cotidiano dos excluídos, nos espaços heterotópicos e utópicos da cidade. Assim, este artigo objetiva analisar os espaços urbanos e suas formas de exclusão a partir da poética bandeiriana, em especial, nos poemas: *Poema tirado de uma notícia de jornal* e *O Bicho*.

Estudo bibliográfico, de cunho qualitativo e interpretativista, este artigo está fundamentado, principalmente, nas noções de heterotopia e utopia (FOUCAULT, 2006), além de contribuições advindas do dialogismo bakhtiniano (2002), da relação literatura/sociedade de Cândido (2002) e das percepções de Bueno (2000) sobre o urbano e a literatura, entre outros.

Discutiremos, inicialmente, a cidade na literatura e os conceitos de utopia/heterotopia. Em seguida, a análise dos espaços utópicos e, principalmente, heterotópicos nas duas cidades poéticas de Manuel Bandeira, ressaltando, portanto, as marcas de exclusão urbana, presentes nas duas construções literárias.

2 – A CIDADE LITERÁRIA, DIÁLOGOS, UTOPIAS E HETEROTOPIAS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

O espaço é um elo fundamental para o sentido de identidade e para a relação do homem com o mundo material. E a cidade, criação humana – coisa humana por excelência (LINCH, 1992) – o espaço fundamental, pois na modernidade/pós-modernidade “(...) nada pode ser pensado sem a cidade como pano de fundo. Todas as determinações que definem um espaço, um sujeito, uma vida cruzam-se no espaço da cidade” (ORLANDI, 2004, p.152). A *cidade* é então, uma realidade que se impõe aos sujeitos urbanos – espaço referencial: de pertencimento, socialização, riquezas e glórias (utopias urbanas) e também de conflitos, desigualdade e exclusão (heterotopias urbanas). Enfim, espaço de estranhamento, de cegueira – não existe uma visão total do espaço (CERTEAU, 1994) –, mas uma certeza: a cidade é um espaço de muitos textos e de muitas vozes: hegemônicas – institucionais, oficiais, científicas, didáticas, poéticas, subalternas.

E esse embate urbano – a luta pelo espaço referencial e a luta pela sobrevivência – se reflete nos textos em geral, mas destacamos aqui os literários, cujos sujeitos poéticos urbanos exprimem não apenas as características físicas e históricas da sua (s) cidade (s), mas principalmente as emocionais e estéticas, que são essenciais para a experiência espacial dos sujeitos. Enquanto representações da realidade, os textos poéticos constituem um meio de definir a relação com o espaço; servem de elo entre os sujeitos poéticos, os outros sujeitos urbanos e os lugares. Os poetas concretizam assim, em seus discursos, a sua cidade e a cidade de todos. Os espaços utópicos e heterotópicos das urbes, e as percepções sobre esses espaços urbanos se iniciou na modernidade, momento em que a literatura voltou seus olhares para o espaço urbano com o objetivo de retratar o conflito do homem nesse espaço concreto, a cidade. Nesse espaço, como vimos, a exclusão é a marca, e a literatura a representa (CÂNDIDO, 1992). É a voz que clama pelos desfavorecidos, as vozes silenciadas nos discursos sobre a cidade, pois nos permite contemplar o urbano a partir de diferentes perspectivas. Traz outras vozes na voz poética: “Todos os poetas ouvem a voz outra. É sua e é alheia, é de ninguém e é de todos”, (PAZ, 1993, p. 140), vozes dos espaços heterotópicos da cidade. E esses espaços de heterotopias nos permitem, na atualidade, visualizar as outras vozes urbanas, silenciadas, adormecidas, excluídas...

Para Foucault (2006) a sociedade atual, moderna/pós-moderna, e suas relações sociais poderiam ser “melhor” compreendidas através de uma perspectiva espacial (FOUCAULT, 2006). Segundo o autor, vivenciamos a época dos espaços diferenciados – *heterotópicos*, em oposição aos espaços *utópicos*, que surgem primeiro, — sem um lugar real, mas com uma relação de analogia direta e inversa com o espaço real da sociedade.

“Há, também, provavelmente em todas as culturas e civilizações, lugares reais, lugares efetivos, lugares formados na própria fundação da sociedade e que são uma espécie de contra-lugar, espécies de utopias realizadas nas quais todos os lugares reais, todos os lugares reais dessa dada cultura são representados, contestados e invertidos. Este tipo de lugar está fora de todos os lugares, apesar de serem efetivamente localizáveis. Estes lugares, por serem totalmente diferentes de quaisquer outros, que eles refletem e falam, eu os chamarei, por oposição às utopias, heterotopias.” (FOUCAULT, 1984, 416).

O espaço utópico é a sociedade aperfeiçoada, um espaço ideal – a Lagoa Rodrigues de Freitas – área nobre e sem conflitos. Como isso não é possível, a Lagoa é um espaço fundamentalmente irreal. Já o termo heterotopia se refere à descrição dos espaços que têm mais camadas de significação ou de relações com outros lugares. São espaços dentro de outro espaço que, no entanto, são vistos à parte, destituído de valor, negado pela ordem do discurso espacial. A *favela* onde morava João Gostoso seria no espaço “paradisiaco” do Rio de Janeiro, um espaço heterotópico. Utopias e heterotopias são, como se percebe, facetas das cidades modernas/pós-modernas, pois, por mais idealizada e planejada que seja uma cidade, ela não está isenta de espaços excludentes, heterotópicos. Não há, afirma Foucault (2006), nenhuma cultura no mundo sem *heterotopias*. Todas as sociedades possuem os seus espaços diferentes/diferenciados e o *valor* atribuído a esses espaços físicos e ou sociais passam por transformações.

(...) uma sociedade, à medida que a sua história se desenvolve, pode atribuir a uma heterotopia existente uma função diversa da original; cada heterotopia tem uma função determinada e precisa na sua sociedade... (FOUCAULT, 2006, p.417).

Aqui neste estudo, discutiremos a noção de heterotopia aplicada ao espaço físico que muda, ou às vezes, parece imutável – em oposição àquele idealizado (o espaço utópico). O espaço heterotópico seria então, o lugar da inquietação, do

conflito urbano. A seguir, confrontaremos nos dois espaços poéticos urbanos – o Rio de Janeiro de Manuel Bandeira e uma cidade *qualquer* – as heterotopias – espaços de exclusão.

3 – ESPAÇOS HETEROTÓPICOS DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO EM POEMA TIRADO DE UMA NOTÍCIA DE JORNAL E O BICHO

As duas produções bandeirianas estão situadas, historicamente, nas décadas de 30 e 40 do século XX. A década de 30 foi uma época de mudanças na história brasileira: de um lado, o declínio da elite agrária, de outro a ascensão da burguesia industrial e o crescimento do proletariado urbano. Era o momento em que esse proletariado iniciava sua luta por reivindicações e, sem muitas oportunidades, começaram a ocupar os morros cariocas. No plano literário, a Semana de Arte Moderna ainda repercutia, expondo outras faces do Brasil (CANDIDO, 1992), as faces subalternas.

Na década de 40 a classe operária obteve alguns benefícios trabalhistas, com Getúlio Vargas, mas o país ainda apresentava elevado índice de analfabetismo e pobreza em virtude da má distribuição de renda e do aumento significativo da população urbana brasileira. Nesses dois contextos histórico-sociais, excludentes, Manuel Bandeira, a partir de um ponto de vista modernista, particularizou duas visões sobre o espaço urbano na modernidade – Poema tirado de uma notícia de jornal (cuja ambientação é O Bicho. Dois poemas de pequena extensão, mas grandiosos pela atualidade temática, pois dialogam com o presente e nos permite constatar que as *realidades* descritas ainda persistem nos dias atuais. Eles empreendem assim, um diálogo dos tempos, das épocas, dos dias, daquilo que morre, vive, nasce (BAKHTIN, 2002). São vozes que perpassam, portanto, o espaço e o tempo e se fazem ouvir em outros espaços e outros tempos – heterotopias e heterocronias de Foucault (2006).

3.1 Espaços marginalizados (heterotópicos) e espaços sob marginalização (utopias em crise)

Poema (1)

Poema tirado de uma notícia de jornal

João gostoso era carregador de feira-livre e morava no morro da Babilônia
[barracão sem número.
Uma noite ele chegou ao bar Vinte de Novembro
Bebeu
Cantou
Dançou
Depois se atirou na lagoa Rodrigo de Freitas e morreu afogado.

Em *Poema tirado de uma notícia de jornal* a utopia urbana se opõe à heterotopia urbana. O espaço urbano utópico, identificado/delimitado é *A cidade maravilhosa*, identidade espacial do Rio de Janeiro, representada no poema pela Lagoa Rodrigues de Freitas, um dos cartões-postais da cidade. Em oposição a esse cenário de beleza, paz e tranqüilidade, a favela: o Morro da Babilônia, lugar sem atrativos, sem planejamento, de construções precárias “barracão sem número” e de vida difícil. Um espaço atual, que dialoga com a Babilônia, cenário bíblico, um diálogo dos tempos, das épocas (BAKHTIN, 2002). Ao dialogar com o texto bíblico o sujeito poético trouxe para a atualidade do poema os efeitos de sentido de desencontro, caoticidade.

Ironicamente, o Morro da Babilônia, lugar alto e valorizado pelo discurso bíblico – céu, paraíso – é na cidade poética, espaço de caos. Já os lugares baixos, lugares de degradação (inferno), na visão bíblica, é, na cidade poética, um lugar nobre: a Lagoa Rodrigues de Freitas. Na terminologia foucaultiana (2006, p.416) “um espaço do cimo, dos píncaros, e um espaço do baixo, da lama (...)”. Também representam o espaço de baixo: o bar 20 de novembro e a feira, espaços intermediários, entre a utopia e a heterotopia. Na feira, João Gostoso sobrevivia mediocrementemente e, cansado da opressão imposta pela vida urbana excludente, afogou as mágoas no bar e depois se atirou na Lagoa Rodrigues de Freitas.

A Lagoa, antes um espaço perfeito, um lugar de paz e tranqüilidade (utopia urbana), “sítio sem lugar real” (FOUCAULT, 2006, p.415) torna-se por ocasião da morte de João Gostoso, um espaço heterotópico, em que a morte de um habitante do morro viria quebrar o equilíbrio paisagístico, mesmo que momentaneamente. A morte do carregador da feira livre, poetizada por bandeira é a voz do oprimido, do desfavorecido, trazida pela literatura. E, se o poeta escutou essa voz, sua obra é certamente um grito de alerta diante da cidade moderna e contemporânea que exclui o ser, pois sua marca é a exclusão nos diz Candido (2002).

3.2. Espaço urbano marginalizado – heterotopia perene

O Bicho

Vi ontem um bicho
Na imundície do pátio
Catando comida entre os detritos.

Quando achava alguma coisa,
Não examinava nem cheirava:
Engolia com voracidade.

O bicho não era um cão,
Não era um gato,
Não era um rato.

O bicho, meu Deus, era um homem.

O sujeito poético retrata uma situação dramática que dialoga com o presente e — esse sujeito poético, o leitor, enfim, os seres humanos — estão à escuta desse desvalido e todos se encontram diante de um mal-estar vivido pela metrópole moderna e contemporânea provocado pelo capitalismo, situação que tem ocorrido ao longo dos séculos e continua ainda presente, e de forma acentuada no início do século XXI, principalmente nos grandes centros. Esses, muitas vezes estagnados, com áreas degradadas, onde impera a sujeira e a vida marginalizada que habita “na imundície do pátio”.

Ao retratar tal situação, a voz poética dialoga com outras vozes: científicas e religiosas que afirmam que o ser humano é diferente dos bichos. É superior a eles e merece uma vida diferente daquela em que eles, os bichos urbanos, vivem. Um apelo aos homens e ao criador. Na voz de Bandeira, vozes sociais e históricas (BAKHTIN, 1993) em situação de exclusão na cidade, vozes sufocadas pelos sintomas da modernidade e, nesse sentido, diz Paz (1993) os poetas ouvem a outras vozes, vozes diferentes da sua – brados do *real* das cidades, silenciados pelos discursos urbanos oficiais, o que Orlandi (2003) denomina sobreposição do urbano sobre a cidade. As vozes urbanas, seu modo de vida capitalista, consumista, preocupada consigo mesmo, abafa as outras vozes e os espaços *diferenciados*.

O espaço, mais que contexto, é constituinte do sujeito. E, o discurso urbano determina esse sujeito/urbano/marginalizado, significando-o com relação ao espaço onde cata o lixo para sobreviver, ele representa dentro desse espaço algumas identidades: habitante, morador de rua, animal, ou apenas lixo humano, produto da modernidade líquida, faceta do capitalismo que transforma os seres em

consumidores e mercadorias (BAUMAN, 2001) que marginaliza milhões e os transforma em resíduos de produtos descartáveis: lixo.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Sabemos que a literatura não tem compromisso de falar sobre algo exterior a ela. Mas, enquanto trabalho de escavação de novos significados, exploração de possibilidades o literário traz novas percepções sobre a nossa realidade. Aquelas percepções embotadas pelo não poético, o discurso urbano oficial, que

Os dois espaços literários são fisicamente divergentes, o primeiro, uma área nobre da cidade que se opõe ao morro (favela). O outro, uma área degradada, ou um lixão urbano, uma heterotopia por excelência, mas não há como precisar a cidade. No entanto, os dois espaços representam, alegoricamente, a situação de muitos brasileiros que vivem na marginalidade das grandes cidades brasileiras. O primeiro espaço, o Rio de Janeiro, um ser marginalizado sobrevivendo, uma vida medíocre em estágio de exclusão mais ameno, pois sobrevive em virtude do trabalho se apresenta a marca trágica da morte que põe fim aquela vida miserável. E a morte transforma, momentaneamente, o espaço utópico da Lagoa em heterotopia urbana. Em *O Bicho*, a tragicidade se efetiva pela vida animalizada pela degradação que o atinge física, psicológica e socialmente um ser humano. Talvez o estágio mais amplo de exclusão, perpetrada por uma heterotopia urbana, concretamente instalada na sociedade urbana capitalista: o lixo.

Os dois espaços urbanos são então, significados pelos discursos poéticos como espaços de desarmonia, esta última, preponderante no cenário urbano. E são definidos para o sujeito-poeta a partir de dois discursos: o da heterogeneidade em que a harmonia e a desarmonia estão presentes e o da homogeneidade – em predomina a homogeneização dos conflitos sociais, constitutivos da cidade (a questão do lixo e daqueles que dele vivem, isto é, sobrevivem), situação presente em toda cidade brasileira. Enfim, a cidade é significada para o sujeito poético como espaço de conflitos, de diferenças.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1992.

_____. Os gêneros do discurso. In: *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p. 279-326.

_____. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BANDEIRA, Manuel. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1990.

CANDIDO, Antonio. *Textos de intervenção*. A literatura e a formação do homem. São Paulo: Duas Cidades. Editora 34, 2002, p. 77-92.

CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano*. Artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

GOMES, Renato cordeiro. *Todas as cidades, a cidade*. Literatura e experiência urbana. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*. Trad. Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ORLANDI E. (org.) *Cidade atravessada – Os sentidos públicos no espaço urbano*. Campinas: Pontes, 2001.

PAZ, Octávio. A outra voz. In: _____. *A outra voz*. São Paulo: Siciliano, 1993. 133-148.